

A arte e inclusão sociocultural por meio da dança, da musicalidade e da teatralidade no desenvolvimento de sujeitos surdos

*Maria Nilza Oliveira Quixaba**

Meu interesse ao abordar este tema é, sobretudo, o de discutir alguns conceitos relacionados à arte como mecanismo de inclusão sociocultural, envolvendo a dança, a música e o teatro, no desenvolvimento de educandos surdos.

A arte na educação especial teve importante marco, no Brasil, a partir das idéias da educadora russa Helena Antipoff e do movimento Escolinha de Arte, que incluía, no ensino de Arte, as pessoas com necessidades educacionais especiais.

A partir dessas iniciativas, houve várias mobilizações nacionais e internacionais em favor da inclusão por meio da arte. Em 1989, foi fundado o maior programa de incentivo à arte: Programa Artes sem Barreiras/*Very Special Arts* do Brasil, em parceria com o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Especial, que patrocina e organiza encontros, seminários, festivais, visando promover espaços de incentivo e divulgação de trabalhos, no que tange à arte com pessoas portadoras de necessidades especiais.

Os princípios que norteiam as ações voltadas para arte e inclusão, tanto no âmbito da educação escolar quanto nos projetos e programas desenvolvidos fora desse ambiente escolar, dizem respeito às diferenças interculturais, que têm, como base legal, respaldo pela Constituição da República Federativa do Brasil — 1988, especialmente no inciso III do artigo 208, no Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei 8.069/90, e, principalmente, na Lei 9.394 de 20/12/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos artigos 26 e 58 (BRASIL, 1997, 1998, 1999 a, 1999b).

**Graduada em Ciências, com habilitação em Biologia. Especialista em Educação Infantil e Especial. Aluna do curso de especialização em Psicopedagogia / Universidade Estadual do Maranhão.*

O universo da arte é amplo e abriga múltiplas formas de linguagens. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte apresentam os conhecimentos a serem construídos nesta área, organizados no âmbito das artes visuais, do teatro, da música e da dança. Em decorrência dessa amplitude, exige-se um espaço sistematizado de construção de conhecimentos adequados e com metodologias voltadas para a especificidade do atendimento de alunos surdos, devido a sua linguagem diferenciada. É na articulação entre *o fazer, o conhecer, o exprimir e o criar*, que se dá a produção desse conhecimento estético-visual.

Desse modo, a dança se constitui de movimentos rítmicos que envolvem todas as partes do corpo, em sintonia com os diversos estímulos da música. Ela é vivenciada nas culturas, sendo uma das poucas atividades na qual o ser humano se encontra mais íntegro: corpo, mente e espírito. Entendo que todos devam ter acesso a ela. A música, no entanto, até algum tempo atrás, não ocupava lugar de destaque em programas direcionados às pessoas surdas, não era considerada e valorizada, sendo até, na maioria das vezes, negada (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003).

Não sei por que tanta estranheza ao se propor música ao surdo? Por que a música estava pouco presente ou quase sempre ausente na sua vida e na sua educação? Partindo da constatação de que a música sempre se manteve íntegra na vida do homem, ao longo de toda a sua história, assumindo um papel relevante em sua existência, nas situações de alegria ou tristeza, dor ou saúde, paz ou guerra, estando presente nas situações festivas, religiosas, empenhei-me em expor um grupo de surdos a variados ritmos, dando-lhe outra significação, apresentando-lhe músicas com temas representativos da cultura local, no sentido de possibilitar-lhe a construção de um conceito cultural que parecia não existir e, como o homem é um horizonte de possibilidades, o grupo muito poderia beneficiar-se dela.

Pode-se dizer que a dança e a música são formas de comunicação que expressam compreensões individuais e sociais do mundo. Afirma Maria Fux: “A experiência do corpo é descobrir o ritmo interno por meio do qual se pode mobilizar a via de comunicação que há em seu interior, para isso, o corpo deve ser motivado e, sobretudo, ter um sentido: por que me movo e para que” (*apud* BRASIL, 2002).

O trabalho da dança com surdos, na perspectiva da educação, visa a consciência corporal, promovendo o respeito e a valorização das possibilidades de descobertas de cada pessoa sobre si mesma, no contato com o outro e com o grupo. A dança propicia ao indiví-

duo *ritmo musical, noções de espaço temporal e coreografias e dramatizações criativas*.

A música, como linguagem sonora verbal e não verbal, utiliza-se de códigos lingüísticos do ritmo, do som, da letra e da melodia — estruturada ou não, harmônica ou dissonante — respeitando as singularidades e diferenças de cada um. Ela auxilia a pessoa a manter contato com a realidade e o sentido da totalidade, não somente com aspectos abstratos do pensamento, mas em múltiplas formas que demonstram uma transformação e um entendimento de novas criações musicais, podendo chegar à palavra e à verbalização. Os educadores afirmam que a música proporciona um desenvolvimento pleno do ser humano. Ela amplia o *campo do conhecimento*, possibilitando a *intercomunicação e a convivência na diversidade*, por meio das *diferentes sonoridades*, mobilizando *corpo, sentimentos, afetividade, imaginação e expressividade* (BRASIL, 2002).

Ressalte-se que em cada um de nós existe um ritmo de marcação silenciosa de formas, ondas e ressonâncias individuais, que nos conectam com as demais coisas do universo. Esse ritmo chamado ISO (Identidade Sonora do Indivíduo) — a formação da identidade sonora — caracteriza cada pessoa e é semelhante ao histórico da vida. O ISO é a representação do mundo sonoro do indivíduo e também está presente em crianças surdas. O ritmo antecede à melodia; por essa razão, a música começou com palmas (percussão) muito antes de o homem aprender a falar. Quando ritmo e melodia se integram e interagem, alcançam a pessoa na sua totalidade.

Complementando esse leque de possibilidades, a teatralidade, envolvida com a dança e a música, culmina na promoção de ações que delineiam e definem o espaço cênico onde ocorre a trama composta por cenário, objetos de cena e iluminação. Todos esses elementos se juntam e, cuidadosamente, se articulam para tornar vivo aquilo que chamamos de teatro.

No entanto, existem artistas que se fundamentam na idéia de *teatro essencial*, ou seja, ele pode existir sem maquiagem, sem figurinos, sem coreografias, sem palco, sem iluminação, portanto, possível em uma sala de aula ou não, só não pode acontecer sem o relacionamento ator-espectador. O jogo teatral representa possibilidades que integram criação e recriação de expressões significativas de vida.

Desde a antigüidade, o teatro desempenha um importante papel na sociedade. A arte permite ao homem encontrar o seu próprio eu, recriando e transformando o mundo a sua volta. O surdo, possuidor

de um código lingüístico próprio — a língua de sinais gesto-visual e ágrafa — possui um grande potencial para dramatizações, devido à habilidade de comunicar-se corporalmente, por meio da mímica, da pantomima, das expressões faciais e outros. Lulkin e Neumann assim se referem:

A comunidade de surdos faz do teatro uma manifestação cultural, onde não está presente a língua falada, como conhecemos e utilizamos. A Língua de Sinais existe dentro da expressão teatral como uma das formas possíveis de fala, ou como linguagem performática que extrapola o código lingüístico, adquirindo formas novas, alterando significantes que metaforizam seus significados. A mímica, a pantomima, os códigos inventados, a transformação corporal, a habilidade de disfarce e a criação improvisada não são possibilidades dependentes de uma língua e sim de uma cultura e das linguagens permitidas/legitimadas dentro da comunidade desses atores (*apud* GOMES, 1997; 2000, p.31).

Faz-se necessário o relato da experiência de um projeto de arte e inclusão desenvolvido com alunos surdos na cidade de São Luís — MA.

O referido projeto tinha por finalidade explorar as habilidades dos jovens surdos do Complexo Educacional de Ensino Fundamental e Médio Governador Edson Lobão, por intermédio da Supervisão de Educação Especial e sob a minha coordenação (como professora de surdos) e direção artística de Telasco Pereira Filho (surdo). Desenvolvemos o projeto com o grupo denominado “Talentos Especiais”, composto por 25 surdos e uma aluna do CAP, Ana Maria Patello Saldanha, portadora de necessidades visuais. O projeto tinha o intuito de desenvolver potencialidades dramáticas, juntamente com a música e a dança, relacionando a cultura do nosso Estado, onde o maior representante é o Bumba-meu-boi, o qual foi utilizado como roteiro para a encenação da peça “Dessa língua ninguém tasca” — numa amostragem especial. Logo em seguida, ocorreu a fusão ao projeto do Coral Encantando com as Mãos (composto só por surdos sob minha regência, existente desde 1995, com outra regência).

Tais atividades ratificaram o real talento dos envolvidos, possibilitando melhor efetivação da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto sociocultural do Estado. A maior constatação ocorreu quando o projeto foi selecionado, diante de inúmeros trabalhos na área, em nível nacional e internacional, para participar do I Festival Internacional Artes sem Barreiras — Belo Hori-

zonte/MG, no período de 17 a 23 de novembro de 2002 (maior evento na área de arte e inclusão para pessoas com necessidades especiais).

Também merece destaque a participação do grupo no VIII Festival Maranhense de Teatro Estudantil, que, em decorrência do aprimoramento e motivação, resultou na premiação do grupo com menção honrosa e menção honrosa individual para uma integrante do grupo.

Valem ser destacados os conceitos da visão sócio-interacionista de Vygotsky:

A atividade grupal é extremamente enriquecedora, pois um indivíduo serve de estímulo para o outro, havendo trocas que contribuirão para a exploração e a vivência de diversos contextos interativos. Partindo dessa análise, entende-se que é de fundamental importância que se otimize esforços para que haja mais incentivo e espaços enriquecedores, onde pessoas surdas possam desenvolver suas habilidades artísticas de forma mais efetiva, utilizando recursos que a musicalidade, a dança e a teatralização disponibilizam como força propulsora da inserção sociocultural desses sujeitos (*apud* GOMES, 1998; NEUMMAN,2000).

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- ———. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares**. Brasília: MEC/SEF, 1999a.
- ———. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte - 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ———. Secretaria de Educação Especial. **Estratégias e Orientações sobre Artes: Respondendo com Arte às Necessidades Especiais**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.
- ———. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEMT, 1999b.

- GOMES, Márcia Elira Fraga; NEUMMAN, Vanda Robina. **Dramatização Silenciosa**. Rio de Janeiro: Arqueiro/INES, V. 2, p. 31-32, jul./dez. 2000.
- HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. **A Musicalidade do Surdo: Representação e Estigma**. São Paulo: Plexus Editora, 2003.